



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Casa de Eptácio Pessoa
Gabinete do Deputado Jeová Vieira Campos

PROJETO DE RESOLUÇÃO nº 09 /2019

Autor: Deputado Estadual Jeová Vieira Campos – PSB

*Concede a Medalha Augusto dos Anjos ao
Ilustre Senhor José Mota Victor, e dá
outras providências.*

A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA PARAÍBA RESOLVE:

Art. 1º - Fica concedida a *Medalha Augusto dos Anjos* ao
Senhor **JOSÉ MOTA VICTOR**, pelos relevantes serviços prestados à cultura
paraibana.

Art2 2º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua
publicação.

Assembleia Legislativa, Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2019

Jeová Vieira Campos
Deputado Estadual

Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba
Praça João Pessoa, S/N - Centro - João Pessoa - PB. CEP. 58.013-900 – Fone: 3214.4541
e-mail: dep.jeovacampos@al.pb.leg.br



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Casa de Epitácio Pessoa
Gabinete do Deputado Jeová Vieira Campos

JUSTIFICATIVA:

A presente proposição objetiva outorgar a Medalha Augusto dos Anjos ao Ilustre Senhor **José Mota Victor**, engenheiro, escritor, teatrólogo, poeta e político.

José Mota Victor nasceu na cidade de Patos (PB). No ano de 1978 foi premiado com a peça "*A Cruz da Menina*", no IV Concurso Nacional Universitário de Peças Teatrais, promovido pelo Serviço Nacional de Teatro no Rio de Janeiro e no ano de 1985, no Concurso Nacional Literário do IV Centenário da Paraíba, com a peça teatral "*Confeitaria Glória*".

No mês de janeiro de 2019, o homenageado lançou mais uma obra literária, o livro "*Ducks City - Uma cidade muito encantada não muito longe daqui*" (romance armorial). Com 314 páginas, é o primeiro romance armorial escrito pelo homenageado, que assina a obra como J. M. Victor. Este livro integra uma trilogia, cuja história vem do tempo da Paixão de Cristo e que a Igreja Católica nunca tornou pública. O primeiro livro é intitulado "*O Fidalgo Destronado*" e o segundo "*O Cavaleiro Astucioso*". O terceiro da trilogia, intitulado "*O Gênio Imaculado*", ainda não foi lançado.

Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba
Praça João Pessoa, S/N - Centro - João Pessoa - PB. CEP. 58.013-900 – Fone: 3214.4541
e-mail: dep.jeovacampos@al.pb.leg.br



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Casa de Epitácio Pessoa
Gabinete do Deputado Jeová Vieira Campos

Sobre a obra literária "*Ducks City, Uma cidade encantada não muito longe daqui*", o renomado escritor paraibano, Flávio Sátiro, afirmou:

"O romance armorial de J. M. Victor.

Acabo de ler o romance "Ducks City, Uma cidade encantada não muito longe daqui", de autoria do escritor, folclorista e teatrólogo patoense José Mota Victor, lançado recentemente.

Não sou crítico literário, mas não me furto de dar rápida impressão sobre a obra do amigo e escritor J. M. Victor.

A conclusão a que chegamos, ao terminar a leitura do denso volume armorial, é a de que a qualidade que melhor se destaca nele é, em primeiro lugar, a criatividade do autor, assim como o seu amplo conhecimento de diferentes matérias, quais sejam, a história, a literatura, o cinema, a mitologia, o folclore, sem esquecer a memória dos fatos locais, sem que com isso a estória ou o enredo perca a sua universalidade.'



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Casa de Epitácio Pessoa
Gabinete do Deputado Jeová Vieira Campos

Ficaremos no aguardo do derradeiro tomo da obra armorial.

Escritor Flávio Sátiro”.

José Mota Victor já exerceu o cargo de Conselheiro Estadual de Cultura durante dois anos (2009/2010) e foi eleito, em 2011, para assumir a cadeira número 15 do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. É também sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Patos e Campina Grande.

Além de escritor, o homenageado é engenheiro civil e servidor efetivo da CAGEPA, onde exerceu por quatro anos, com zelo e determinação, o cargo de Diretor de Operação e Manutenção daquela empresa.

Portanto, entendemos que o homenageado, portador de um vasto *currículo*, seja na área cultural, seja na atividade profissional, faz jus ao recebimento da presente homenagem outorgada por esta Casa Legislativa Paraibana.



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Casa de Epitácio Pessoa
Gabinete do Deputado Jeová Vieira Campos

Assim sendo, objetivando levar o efeito este pleito, cumpre-me contar com o apoio de meus distintos Pares, com a deliberação favorável à sua aprovação.

Assembleia Legislativa, Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2019.


Deputado Estadual

BIOGRAFIA

06

Quais



JOSÉ MOTA
VICTOR

07
Quia
JOSÉ MOTA VICTOR

José Mota Victor nasceu na madrugada do dia 12 de maio de 1958, na Rua 26 de Outubro, perpendicular a 26 de julho e paralela a antiga Rua do Mosquito na cidade de Patos. Não chorou ao nascer apesar dos esforços do recém-formado médico Dr. Olavo Nóbrega. Dona Neném Celestino ficou encarregada de resolver o problema e é por este motivo que depois de adulto sempre que chegava da capital do estado, onde estudava, fazia visitas à parteira num gesto de gratidão permanente aquela que lhe ensinou a chorar. Filho do comerciante Diomedes do Nascimento Victor e Alice Mota Victor é o segundo de uma prole de sete.

A INFÂNCIA

No dia 26 de abril de 1992 publicou no jornal “O Correio da Paraíba” um artigo intitulado “HOLLYWOOD PARA TROCO E BURRO NA ESCOLA PRIVADA” que falava de sua infância na antiga Praça João Pessoa, hoje Praça Edivaldo Fernandes Motta:

“Era um ano santo da década de 60. A praça João Pessoa, nessa época, era dividida em duas partes separadas por uma estreita avenida que era a continuação da rua do Prado. À parte de cima que tinha a forma de um triângulo retângulo era pouco usada pela criançada e se apresentava com poucas pérgulas de madeira distribuídas eqüitativamente. Na parte baixa, defronte ao Colégio Estadual de Patos, funcionava a sede do Clube da Criança e o escritório em algum banco desocupado. No centro um coreto confeccionado com pilastras de cimento e fechado horizontalmente com tubos de ferro em paralelo que tinha a distância exata da cabeça de uma criança normal. A noite era grande a afluência de crianças na praça para brincar de “toca”, correr com “patinete” e trocar “tapa”. A praça polarizava as crianças da rua Deodoro da Fonseca, Espinharas, Prado, Capitão Ló, 26 de Julho e as próprias do logradouro. Era proibido moleque brincar nas calçadas que eram ocupadas pelos adultos nas suas seculares cadeiras. Já quase no final da ladeira, no lado direito de quem olha para o Colégio Estadual, ficava a casa do farmacêutico Dr. Alcebiades Parente. Na entrada da residência os três batentes internos serviam para as reuniões secretas dos sócios do Clube da Criança. Geralmente essas reuniões eram interrompidas por D. Honorata (Esposa do

farmacêutico) que do sótão jogava a urina do velho penico de porcelana nas nossas cabeças. No centro do coreto, com aproximadamente uns quatro metros, o mastro da bandeira (que tinha o formato de uma cruz e no topo a lâmina de uma lança). Nessa época a moeda corrente era a nota de cigarro. Hollywood e Continental para troco e Marlboro para os grandes negócios. O expediente começava às 19:00 horas e tínhamos a recomendação dos pais para voltarmos às 22:00 horas para casa.

Tinha passado a semana estudando. Fui convidado pelo presidente do clube para participar do quadro de sócios. Era o dia do início dos testes. A prova oral. A gurizada em silêncio fazia um grande círculo em torno de Bebeta. Ali tinham sócios e não-sócios. Ninguém poderia soprar nada. Se algum sócio soprasse alguma coisa seria suspenso por um mês. Se algum não-sócio soprasse alguma coisa ia pro cocorote. Quando cheguei ao banco da praça o silêncio aumentou e círculo se abriu.

Bebeta iniciou a sabatina:

- Secretário faça as anotações. Todas as provas são eliminatórias. Hoje faremos dois testes com o Senhor José Mota Victor. O teste oral e a subida ao mastro da bandeira.

O silêncio aumentou mais ainda. Bebeta tinha a voz forte, era inteligente e nunca correu de um compromisso. Tinha fama de valente. Por várias vezes fechou a Rua do Prado, nesses dias às crianças não tinham o direito de ir e vir, só se fosse acompanhado com os pais.

A primeira pergunta foi à queima-roupa:

- Que tipo de bala o Zorro usa no seu revólver?

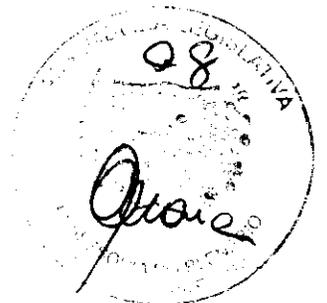
- bala de prata, respondi sem pestanejar.

- O nome do cavalo de tonto?

- Escoteiro.

A última foi de gaveta

- Qual a cor do cavalo branco de Napoleão?





- Cor branca.

Subi no mastro da bandeira, dei um beijo no topo e desci nos braços da gurizada para a volta olímpica no perímetro da praça João Pessoa.

Naquele tempo ser criança era coisa diferente. Estudar em colégio pago era sinônimo de menino burro. Pagou passou. Aluno não chamava professora de "tia" e diretora metia medo. Foi chamado à sala da diretora? Tá lascado. No outro dia vinha a mãe acompanhada do menino para ouvir o sermão. Nos livros só tinham palavras, não tinha esse negócio de gravura. A gurizada só via retrato nas figurinhas do sabonete Eucalol e nos postais guardados pela mãe com muito carinho. O Grupo Escolar Rio Branco era plantado imponente na rua grande e o Cine Eldorado a euforia da criançada. A fila da matinê no domingo chegava à calçada da Prefeitura. Sol de trinta e sete graus. Ninguém reclamava. Não sei o que era melhor se o filme de faroeste, o encontro dos amigos defronte ao cinema ou a troca das revistas em quadrinhos. O filme era pela metade, ninguém acompanhava as legendas, o cinema se levantava quando aparecia o mocinho em cima da montanha para salvar a diligência atacada pelos indígenas. Naquele tempo a gente pensava que quem era ruim era o índio.

Faltavam duas tarefas para tomar posse definitiva no clube da criança. Permanecer por um minuto mergulhado nas águas da pedra do poço e escalar o morro próximo ao Campo da Viação. A pedra do poço era o local onde a molecada se encontrava a tarde para tomar banho. Tomava banho nu para não molhar o calção e a mãe não reclamar. Geralmente no final do banho dava briga. Algum engraçado sempre dava "nó de Ceará" na camisa de alguém. E o pior era que mijava no nó para impedir que o dono desmanchasse com os dentes. Para ir ao campo da viação tinha que abrir porteira, atravessar o Rio Espinharas, roubar batata nas vazantes, matar passarinho com baladeira e encostar o ouvido nos trilhos do trem. Geralmente ia ao campo da viação para alguma aventura, normalmente atrás de botija seguindo a pista do carvão. Passei nos testes. A partir daí participava das reuniões secretas do clube.

No Clube da Criança os sócios eram treinados na esgrima de espada de madeira e na confecção de patinete com rolamentos comprados na sucata do mercado público. Tinha o dia de atacar os

10
C. A. O.

índios da rua do Dezoito e beco da Coréia com sabugos de milho. Isso era tudo escondido sem o consentimento dos pais.

No ano de fazer os testes para o exame de admissão era tempo de pouca brincadeira. O teste era eliminatório e tinha prova oral olhando para a cara feia do professor esquisito. Eram outros tempos, outras brincadeiras. Fui iniciado na leitura e Bebeta me presenteou com um livro de Shakespeare intitulado "Conto de Inverno", uma comédia - drama em cinco atos, publicado por uma editora da cidade do Porto. Nesse tempo aprendi o que era indelével, pueril e piegas. Era necessário saber palavras difíceis para dizer que era intelectual.

Nesse tempo a gente não sabia da existência da redentora, não sabia que os partidos políticos tinham sido extintos, que os políticos tinham sido cassados, que os jornais estavam sendo censurados, que os presos estavam sendo torturados e que os brasileiros estavam sendo exilados. Era o tempo do ufanismo, do "Ame-o ou deixe-o" e da música: "Eu te amo meu Brasil, eu te amo..."

Um dia chegou a ordem do colégio. O Clube tinha que ser extinto imediatamente. Era subversivo. Um atentado perpetrado contra os maiores interesses da nação. Uma coisa inominável. As carteirinhas foram rasgadas. Ficamos com medo do rótulo comunista. As crianças ficaram estudando em casa, de castigo. Vamos todos trabalhar para dividir o bolo mais tarde. Deu no que deu.

Bebeta morreu tragicamente. Deixou o livro "Uma Ilusão". Li recentemente depois de várias décadas de escrito. Só tenho um comentário a fazer:

- É indelével, pueril e piegas".

OS ESTUDOS

A primeira professora foi sua tia Adalice Nunes Mota que lhe ensinava todas as tardes a cartilha do ABC e a tabuada. Não usava a "palmatória" tinha a paciência das pessoas iluminadas. No ano seguinte com short vinho e camisa branca foi estudar o "Preliminar" na Escola de Dona Terezinha Carvalho que funcionava no sobrado

de Pedro Caetano que ficava vizinho ao antigo prédio do açougue municipal. Naquele tempo o aluno levava a cadeira em que iria sentar-se durante todo o ano. Concluiu o curso primário, em 1969, no Grupo Escolar Rio Branco cujo prédio foi criminosamente destruído para dar lugar ao FÓRUM MIGUEL SÁTIRO na cidade de Patos. Fez o curso ginásial no Colégio Estadual de Patos depois de enfrentar o concorrido “Exame de Admissão”. No ano de 1975 concluiu o científico no Colégio Estadual do Bairro dos Estados na capital paraibana e no ano seguinte foi aprovado no vestibular de Engenharia Civil da Universidade Federal da Paraíba. Durante o curso universitário foi professor no Colégio Regina Coeli e Instituto Presidente Epitácio Pessoa na cidade de João Pessoa. Foi monitor da disciplina “Elementos de Arquitetura” e concluiu o curso de Engenharia Civil no ano de 1981. Terminou o Curso de Pós – Graduação “Especialização em Gerência Estratégica” no ano de 2001.

A CRUZ DA MENINA

No período universitário participou do movimento teatral da capital do estado. Atento aos ensinamentos de Paulo Pontes que dizia: *“É importante o jeito, a linguagem e o cheiro do povo nos palcos para que não se esqueça de que ele existe e é, afinal de contas o grande derrotado. Já que não é possível colocar o drama do povo em toda sua conseqüência, que se coloque, pelo menos, a cara do povo do jeito que ela é”*, José Mota escreveu a peça teatral A CRUZ DA MENINA baseada em fatos reais acontecidos na cidade de Patos no ano de 1923. A peça foi premiada no IV Concurso Nacional Universitário de peças teatrais do Serviço Nacional de Teatro no Rio de Janeiro no ano de 1978 e recebeu o seguinte comentário do teatrólogo Hilton Lima:

“O misticismo popular é um fenômeno típico de regiões desfavorecidas socialmente. E o nordeste brasileiro se enquadra melhor nesse contexto do que as regiões sulinas. Não significa isto, que o sul seja qualificado de melhores perspectivas para o povo. Não, mas o sul com um ritmo de industrialização mais avançado determina um tipo de comportamento social diferente do comportamento das zonas interioranas nordestinas. E este aspecto constitui uma das intenções de CHICA MENINA de José Mota.

12
Oliveira

O misticismo é mostrado de maneira simples e bastante familiar, mas demonstrando antes de tudo sua pujança coletiva. Entretanto, a tônica da peça a meu ver, reside nas influências de caráter Psicossocial que determinará a violência do patrão contra uma simples empregada doméstica (e por sinal menor de idade). O fato foi verídico, passado em 1923, mas a habilidade literária de Mota, soube dar vida aos autos do crime. Principalmente quando leva o fato a fatores de ordem política local (cidade de Patos) denunciando interesses de certas pessoas influentes na sociedade. E é o Escrivão personagem da peça que a certa altura diz "Os políticos botam o dedo em tudo". E em outro trecho é outro personagem (o Padre) que diz: "Infelizmente nossa justiça não tem olhos vendados, e é tanto que a prova aí está para não nos deixar mentir. O processo engavetado e os criminosos desfrutando de sua impunidade".

Aliás, este trecho aproxima-se bastante da nossa realidade espaço-temporal: Araceli (9 anos) teve morte semelhante a de Chica; mas os culpados continuam impunes; O caso de Ana Lídia, de apenas 7 anos de idade, sofre igual destino, assim como também os freqüentes assassinatos na Paraíba continuam impunes.

Tudo está interligado num contexto social. CHICA MENINA reflete bem essa realidade. Senão vejamos: A credence do povo, procurando as bênçãos e "milagres" de CHICA, esse povo tão sofrido e explorado que não tendo mais alternativa de procurar na terra o seu bem-estar, voltam suas esperanças para os "intermediários" entre Deus e os homens. CHICA é a válvula de escape para os desejos do povo, assim como foi alvo de desacatos violentos de seus patrões. CHICA é a consciência do povo sedento de vingança. CHICA foi o bode expiatório de seus patrões.

Mas apesar da força mística do povo, que canoniza CHICA este ato de recompensa e piedade não se reveste de intenções lógicas, e sim uma revolta que "interiorizou-se" no inconsciente coletivo, sobrando apenas alguns protestos verbais. É por isso mesmo que os réus são considerados inocentes por unanimidade, nos três júris.

As influências sociais e conseqüentemente o poder econômico inocentaram os réus de culpabilidade. Mas CHICA permanece viva na consciência popular assim como Maria de Lourdes, assassinada

13
Quais

barbaramente pela polícia mirim de João Pessoa no início dos anos 60.

O trabalho de Mota fez jus ao prêmio recebido.

É difícil em termos de realidade teatral paraibana, uma peça tão simples, tão popular e tão atual quanto CHICA MENINA”.

ENGENHARIA CIVIL

Depois do sonho da universidade, do teatro e dos livros José Mota foi trabalhar no Recife como engenheiro assistente sênior prestando assessoramento técnico de supervisão e controle das rodovias vicinais canavieiras do estado de Pernambuco. Desenvolveu seu trabalho de engenheiro no Departamento de Estradas e Rodagem de Pernambuco até o ano de 1987 quando voltou à terra natal para assumir a Gerência Regional das Espinharas da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba. Função que exerceu por mais de 14 anos.

CONFEITARIA GLÓRIA

Trabalhando no Recife e residindo em Olinda resolveu escrever uma peça teatral sobre a revolução de 30. Tanto Recife quanto Olinda foram palco dos acontecimentos ligados a vida e morte do Presidente João Pessoa. A peça intitulada CONFEITARIA GLÓRIA consumiu dois anos ininterruptos de trabalho e pesquisa a toda literatura existente sobre o assunto. A peça que foi publicada recentemente (2010) foi premiada no Concurso Nacional Literário IV Centenário da Paraíba no ano de 1985.

A INFLUÊNCIA DOS RAIOS SOLARES NA MENSTRUÇÃO DA BORBOLETA

Desde o ano de 1995 publicou mensalmente no jornal O SERTÃO a história descompromissada, mas historicamente relevante da “INFLUÊNCIA DOS RAIOS SOLARES NA MENSTRUÇÃO DA BORBOLETA”. A idéia surgiu com a

14
Quase

intenção de caricaturar os temas elitistas das produções científicas das universidades brasileiras com seus nomes estranhos e exóticos, tais como: *“Automatização de testes espirométricos através do acoplamento de um microcomputador a um espirômetro de campânula”*. O objetivo do autor era romancear a história do insetologista Felipe Victor e do seu filho Bartolomeu Fulgêncio da Silva que morreu fulminantemente quando defendia sua tese no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. O Folhetim tem como pano de fundo os acontecimentos históricos da Imperial Vila de Patos. O trabalho foi concluído no ano de 2003. É o folhetim mais longo da história do Brasil.

AS SETE PALAVRAS DE CRISTO NA CRUZ E OUTROS SONETOS

No dia 08 de outubro de 2005 publicou o seu primeiro livro de poesia intitulado *“As sete palavras de Cristo na Cruz e outros sonetos”*. Na oportunidade foi saudado pelo jornalista e professor universitário Misael Nóbrega de Sousa:

“De um lado, o homem José Mota Victor; do outro, a obra: As Sete Palavras de Cristo na Cruz e Outros Sonetos. Entre eles a pergunta: - a quem examinar primeiro? Se formos seguir o conselho de Fernando Pessoa: “O poeta é um fingidor; finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deverás sente...” Não teríamos como associar os dois. Melhor, portanto, não correremos o risco, e desassociá-los.

Começo, então, por José... uma nomenclatura bíblica; o batismo de muitos homens; uma inspiração poética para Drummond: “...E agora José; José para onde?...” Uma contradição poética para Drummond, pois o nosso José sabe para aonde vai. Se o julgarm... é porque nos intimidamos com o que não conhecemos. Repito: este José sabe para aonde vai. E, ainda, nos leva à reboque, pois de nada adianta o conhecimento – se não o compartilharmos (e ciência ele tem na dose certa).

José nasceu aqui em Patos. Depois, foi beber um pouco de saber em outras paragens... mas voltou. E que bom que voltou!

João

“Patos, te amo, Patos; Patos eu sempre hei de amar...” deve ter solfejado quando regressava saudosos às origens.

Isso lembra, também, a minha trajetória, se vocês me permitem. Quando fui morar em João Pessoa e depois em Campina Grande, onde concluí o curso de jornalismo e trabalhei em diversos veículos de comunicação, dentre os quais as TVs Borborema (SBT) e Paraíba (Rede Globo), além do Jornal da Paraíba, e algumas emissoras de Rádio... as pessoas achavam que eu não mais voltaria. Porém, mesmo recebendo convite para trabalhar em Recife, e no interior da Bahia, eu voltei.

Gabriel Garcia Marques, no livro “Cem anos de solidão”, diz que as pessoas só são verdadeiramente de um lugar se tiverem alguém que amam, enterrado ali.

E eu não tinha ninguém que amava enterrado em nenhum destes lugares que citei: nem em Campina, nem em João Pessoa, nem em Recife e, muito menos, na Bahia. Mas, tinha alguém que amava enterrado em Patos. Talvez tenha sido por isso que voltamos Zé Mota, por que temos pessoas que amamos enterradas aqui.

Acredito que a felicidade não se sustenta em uma linha reta. Ela é, isso sim, circular. Pois, temos a necessidade de nos repetirmos. Se hoje conseguimos um grande feito; amanhã, sairemos em busca de um maior; e, quando virmos que o maior já não mais nos serve, almejaremos um que seja extraordinário... até que o nosso limite chegue ao fim. E quando isso acontece temos que fazer o caminho inverso. E, nesse retroceder, talvez nos encontremos com nós mesmos.

Não há como ensaiar nesta vida. Tudo é feito de rompante. As escolhas que fazemos alteram à nossa trajetória: às vezes para o bem; às vezes para o mal. E não há a quem culpar, visto que não existem culpados. O ensejo de estarmos aqui esta noite, por exemplo, pode decidir o amanhã.

Se a felicidade está em Patos não vejo porque a desprezarmos. Temos, sim, é que valorizar a escolha. E que nessa valorização estejam inseridos: o compromisso, a dedicação e o amor e, tenho certeza, que estas três coisas, o nosso José tem no peito. Parafraseio Augusto dos Anjos quando, contemplativo, invoca o Pau D’arco e o eterniza:

*“No tempo de meu pai sob estes galhos
Como uma vela fúnebre de cera
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De Inexorabilíssimos trabalhos*

*Hoje esta árvore de amplos agasalhos
Guarda. Como uma caixa derradeira
O passado da flora brasileira
E a paleontologia dos carvalhos*

*Quando pararem todos os relógios
De minha vida. E a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri*

*Voltando a Pátria da homogeneidade
Abraçada com a própria eternidade
A minha sombra há de ficar aqui”.*

*Agora falo no livro *As Sete Palavras de Cristo na Cruz e Outros Sonetos*. Motivo maior pelo qual fui convidado.*

Afirmou Augusto Jorge Cury em seu alfarrábio “A análise da inteligência de Cristo” que Jesus andou e respirou nesta terra e que à época, portanto, há dois mil anos atrás, já havia desvendado mistérios da medicina moderna quando falava em depressão e ansiedade como males da alma. É só relermos Mateus 6 para atestarmos isso. Disse Jesus: “...Não andeis ansiosos pelo dia de amanhã... basta ao dia o seu próprio mal”.

Mas, no entanto, Augusto Jorge Cury, esbarra na fé. E não entra nos méritos da oficialidade de Cristo como filho de Deus – “... Que ressuscitou ao terceiro dia e está sentado a direita de Deus pai todo poderoso de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos”.

*Dan Brown, para quem leu *O Código da Vinci*, apresenta uma revelação estarrecedora – de que Cristo se casou com Maria Madalena e teve filhos; e que a igreja escondeu isso o tempo todo. Mas, quem somos nós “vermezinhas de Jacó” como bem lembra Isaías 41:14 para especularmos sobre a divindade? Na pior das hipóteses que mal a religião nos faz? (ou nos traz?). Nenhum, muito pelo contrário...*

Agora, nós temos uma homilia, nas mãos. Uma grata oração, por que não dizer. As Sete Palavras de Cristo na Cruz e Outros Sonetos. E temos signos poderosíssimos: um cristo, uma cruz, o verbo, o número sete – que é sagrado. De cristo não tenho autoridade de falar; da cruz vejo que encerra a dor; pelo verbo sou completamente apaixonado; e o número sete obrigado a reverenciá-lo.

Mas, afeito a poesia arrisquei, com orgulho, apresentar As Sete Palavras de Cristo na Cruz e Outros Sonetos. É dispensável comentar a brochura. Nota-se de cara um trabalho de carpinteiro – sem querer exagerar nas comparações. É esmerado em todos os detalhes: da capa à contra-capá.

Sobre o conteúdo...

Observo a composição poética, formada por quatorze versos, distribuídos por dois quartetos e dois tercetos, a qual chamamos de soneto: uma expressão literária estimada por eruditos, tais como: Homero e Camões.

O nosso José não poderia ter escolhido melhor momento para publicar: As Sete Palavras de Cristo na Cruz e Outros Sonetos. Lá fora estão se matando... Lá fora estão se morrendo (aí invoco a licença poética)... – e os motivos não são plausíveis. Mata-se, entre outras coisas, por ganância; e se morre, entre outras coisas, por ignorância. E, em nome de Deus, peço que não maculem o milagre da vida, que preceitua: o nascimento, a procriação e o fenecimento, como um ciclo natural – a hora é de revigorar a fé e de deixar falar o coração.

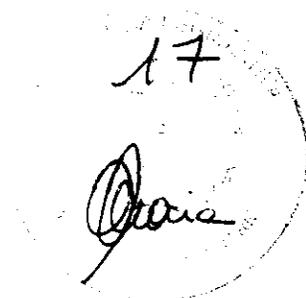
São 7 os poemas do livro

A 7ª letra de nosso alfabeto é G, de Grande

Talvez sejam 7 os minutos de leitura – pois, se consegue o feito de um fôlego só.

7 foi o número de filhos de sua mãe Alice

No 7º dia Deus descansou



7 são as palavras de Cristo na cruz – que o nosso José tão bem desenhou.

E, setenta vezes sete, é o número de vezes que Zé Mota pensa, por dia, no Pequeno Igor; que não por acaso, também, homenageou nessa obra...

*“Desde aquele dia morro lentamente...
Fios brancos são sinais impertinentes
Do desventurado que perdeu o seu amor”*

E, por falar nisso, a saudade e o amor se esparramam pelas páginas do livro - e chegam a embriagar a alma. Ora é a saudade do amigo Adalberto Bernardo... no poema: A última Viagem...

*“A tragédia comoveu a cidade
O defunto inerte e sem vaidade
Seguiu no féretro a última viagem”.*

Ora é o amor quando dedica o soneto: Os Meninos de São José – à mulher e companheira Márcia Araújo Mota.

Peço licença para ler: Palavras do Gólgota I, do livro As Sete Palavras de Cristo na Cruz e Outros Sonetos. Desejo que a força desses versos possa elevar aos céus a alma de cada um de nós.

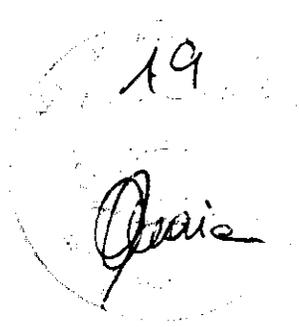
*Melancólicos, doridos eram os passos da viagem
Foi um tal de Simão de Cirene que obrigaram
A transportar a cruz, àquela infame paragem,
Para Ajudar ao pobre cristo que humilharam*

*Os insultos dos romanos, no Calvário Jazem...
Mesmo assim disse Jesus quando o crucificaram
- Pai perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!
Era a misericórdia de Deus aos que o mataram*

*Na tábu, o letreiro: Este é Jesus, rei dos judeus.
E pregado no madeiro o “escolhido” de Deus
Suportava humilde, toda iniquidade.*

*A cruz foi cravada no “lugar da Caveira”
Aquele triste cenário acendeu a fogueira
Da fé, que se alastrou pela humanidade.*

18
Opis



A POLÍTICA

A família Mota vem participando ativamente da política paraibana desde o ano de 1963. Edivaldo Fernandes Mota (tio) foi vereador da cidade de Patos, Deputado Estadual em cinco legislaturas e Deputado Federal em duas. Edimilson Fernandes Mota (tio) foi prefeito da cidade de Patos. Francisca Araújo Mota (tia) é Deputada Estadual já na terceira legislatura. Miguel Mota Victor (irmão) foi prefeito da cidade de São José do Bonfim durante três mandatos. José Mota Victor foi eleito o 4º vereador mais votado da cidade de Patos no ano de 2004 com 1752 votos. Licenciou-se do mandato para assumir a Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Turismo. Retornou a Câmara Municipal no ano de 2007 para assumir sua cadeira na Casa de Juvenal Lúcio de Sousa. No ano de 2008 foi reeleito vereador na cidade de Patos com 2.241 votos.

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PATOS

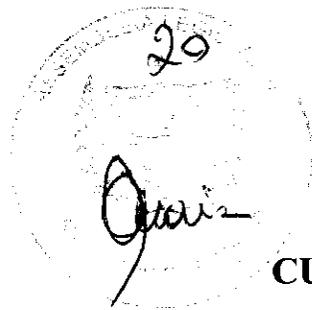
José Mota Victor é fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Patos. Ocupa a Cadeira Nº 05 cujo patrono é o Deputado Edivaldo Fernandes Motta. Foi presidente do IHGPatos por três vezes.

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO

Assumi em 26 de março de 2011 a cadeira Nº 15 do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano cujo patrono é o lisboeta Fernando Delgado Freire de Castilho que governador da Paraíba e de Goiás.

O INSTITUTO HISTÓRICO DE CAMPINA GRANDE

No ano de 2013 tomou posse no Instituto Histórico de Campina Grande no dia de sua fundação.



A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CULTURA, ESPORTES E TURISMO

Ao assumir a secretaria de Educação Cultura, Esporte e Turismo da cidade de Patos José Mota Victor resolveu acabar com o marasmo cultural da cidade e iniciou vários projetos para incentivar a cultura local. Inaugurou no dia 24 de março de 2006 a BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PATOS com um acervo de aproximadamente 15.000 livros, Telecentro, TV Escola, sala especial com Acervo do Professor Messias, Auditório, Sala de Xadrez e salas de estudos para crianças, adolescentes e adultos. No mês de outubro do mesmo ano inaugurou O CENTRO DE CULTURA DE PATOS que serve para atender as demandas culturais da cidade como lançamentos de livros, exposição de Artes Plásticas, Saraus, apresentação de MPB, etc. No esporte lançou o PROJETO CAMPO DE PELADA e construiu no ano de 2006 12 campos de pelada nas periferias da cidade. Na área de turismo lançou no ano de 2005 O GUIA TURISTICO DE PATOS em cordel. Na área de Educação Construiu três CIEPs (Centro Integrado de Educação de Patos) com salas de Aulas, Quadra de Esportes, Refeitório e Sala de vídeo. Com recursos próprios adquiriu terrenos e ampliou a Escola Municipal de Ensino Fundamental ANAIZA LUIZ CALIXTO, MARIA DAS CHAGAS CANDEIA, JOSÉ PERMINIO WANDERLEY no distrito de Santa Gertrudes e a Escola SABINO FREIRE. Em convênio com o Governo Federal inaugurou cinco TELECENTROS para atender as periferias da cidade de Patos. No mês de março lançou O GUIA DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE PATOS que tem o objetivo de ser um instrumento informativo da comunidade escolar. A Biblioteca de Bairro (Conjunto Bivar Olinto) é a primeira de uma série que será construída em toda periferia da cidade.

PRÊMIO GESTOR EFICIENTE DA MERENDA ESCOLAR

No dia 22 de novembro de 2006 o secretário José Mota Victor e o prefeito da cidade de Patos receberam, em Brasília, das mãos do Presidente Lula o Prêmio Gestor Eficiente da Merenda Escolar na categoria Região Nordeste. A cidade de Patos concorreu com 610

prefeituras de todo Brasil. De acordo com a Ação Fome Zero, as análises foram feitas através de documentação enviada pelas prefeituras, documentação complementar e visitas aos municípios participantes. A Ação Fome Zero é uma entidade formada por empresas, órgãos governamentais e não governamentais comprometidos com o desenvolvimento humano e social do país e tem a missão de apoiar técnicas e financeiramente ações que pretendam reduzir os níveis de pobreza do país.

PROJETO RECONHECER

“Nos termos da resolução Nº. 019/2007, do Conselho deliberativo da Fundação Casa de José Américo, registra-se o reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelo presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Patos, José Mota Victor, em favor da Cultura na cidade de Patos – PB”. No dia 14 de setembro de 2007 o escritor recebe na Fundação Ermani Sátyro o certificado assinado pelo governador do estado (Cássio Rodrigues da Cunha Lima), pelo secretário de Educação e Cultura (Neroaldo Pontes de Azevedo) e pelo presidente da Fundação Casa de José Américo (Flávio Sátyro Fernandes Filho).

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

No ano de 2009 foi nomeado pelo governador José Targino Maranhão como membro do Conselho Estadual de Cultura.

CAGEPA

Em abril de 2013 foi nomeado Diretor de Operação e Manutenção da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba pelo governador Ricardo Coutinho. Saiu em Maio de 2018.

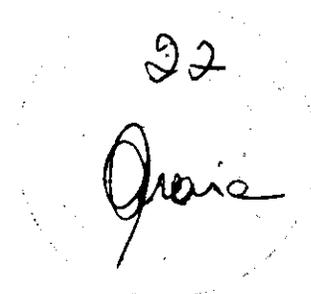
21
Quais

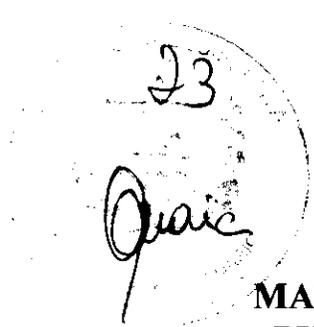
LIVROS PUBLICADOS

O escritor José Mota Victor publicou nove livros: A Cruz da Menina (Premiado em 1978 no IV Concurso Nacional Universitário do Serviço Nacional de Teatro); Folhetim (1981); Tempos de Edivaldo Motta (Volume I); O Louro do Jabre (Aforismos, Máximas e Pensamentos de Allyrio Meira Wanderley); As Sete Palavras de Cristo na Cruz e Outros Sonetos; 1912 – A Invasão de Patos; Ani Ohev Otach (A História de Adolfo Rosa Meia Noite, A História do Negro Heleno, A História de Porfírio Higino da Costa – Herói da Guerra do Paraguai); Silvino Pirauá de Lima (O Gênio da Literatura de Cordel); Confeitaria Glória (Peça Teatral sobre os acontecimentos de 30 na Paraíba e Pernambuco – vencedora do Concurso Nacional do IV Centenário da Paraíba); O Historiador Não é um Antiquário (Discursos) e as seguintes plaquetas: Dois Anos na Educação de Patos (Antes que uma obrigação um dever em prestar contas); O Preço da Coerência (Discurso da Sessão Solene nos 15 anos de saudades do deputado Edivaldo Motta); O Escultor de uma Geração de Homens (Discurso da Sessão Solene em homenagem ao Centenário de Nascimento do Monsenhor Manoel Vieira); Esquadrilha da Fumaça; Um Ano de Ação Parlamentar (Antes que uma obrigação um dever em prestar contas); o Homem que Gostava de Conhaque (Discurso na Sessão Solene em memória dos 20 anos da morte do poeta Tarcisio Meira César); o Terapeuta do Espírito (Discurso na Sessão Solene em homenagem ao Centenário de Nascimento do Padre Assis) e Patrimônio Histórico de Patos. Recentemente publicou pela Editora A União uma Edição Comemorativa dos seus 60 anos com o livro “Teatro e Poesia”, esgotado. Em novembro estará publicando o romance DUCK CITY (Uma cidade encantada não muito longe daqui).

LIVROS INÉDITOS

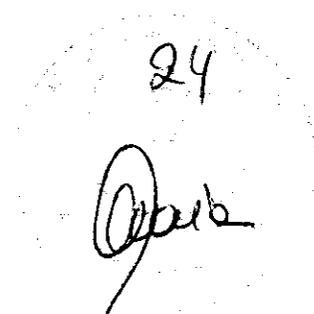
- Tempos de Edivaldo Motta – Volume II
- Tempos de Edivaldo Motta – Volume III
- Eu Morri no Ano de Nietzsche.
- História Municipal da Mediocridade.
- A Morte do Padre Aristides (Teatro).





**MATÉRIAS DO SÓCIO JOSÉ MOTA VICTOR
PUBLICADAS NA REVISTA DO INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PATOS**

- ITINERÁRIO DA HISTÓRIA DA IMPERIAL VILA DE PATOS.
(Revista Nº. 02 – 2001)
- O DIA EM QUE FREI CANECA JANTOU NA FREGUESIA DE PATOS.
(Revista Nº. 03 – 2002)
- DIÁRIO DE VIAGEM I – A Visita ao Museu de Santa Luzia e a Extraordinária Viagem a Serra do Talhado.
(Revista Nº. 03 – 2002)
- ANTOLOGIA DE POETAS PATOENSES – SONETOS - 1ª Parte.
(Revista Nº. 03 – 2002)
- PORFÍRIO HYGINO DA COSTA – O Herói de Patos.
(Revista Nº. 04 – 2003)
- POESIA NO CARTÃO POSTAL
(Revista Nº. 04 – 2003)
- A HISTÓRIA DO NEGRO HELENO.
(Revista Nº. 05 – 2005)
- PRESENÇA DE PARAIBANOS NA GUERRA DO PARAGUAI.
(Revista Nº. 05 – 2005)
- PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE PATOS.
(Revista Nº. 05 – 2005)
- SUBSÍDIOS PARA HISTÓRIA DA PRAÇA EDIVALDO MOTTA.
(Revista Nº. 06 – 2006)

- 
- FOLCLORE PATOENSE.
(Revista Nº. 07 – 2007)
 - CESÁRIO JOSÉ DE PONTES – O Cantador Cego das
Espinharas.
(Revista Nº. 08 – 2009)

A FAMÍLIA

Casou com a odontóloga Márcia Araújo Mota na Igreja de Santa Júlia em João Pessoa no ano de 1983. O celebrante foi monsenhor Manoel Vieira. Do casamento nasceram três filhos: Isabella Araújo Mota, Igor Araújo Mota, Victor Araújo Mota. Com o encantamento do segundo filho escreveu o:

SONETO PARA O PEQUENO IGOR

Desde que tu partiste, eu não paro.
De lutar, assim, incessantemente...
Talvez, quem sabe, seja tão somente
Para não lembrar teu sorriso raro.

E se por acaso sou indiferente...
Agnóstico, reflito a eternidade,
Na avenida triste dessa cidade
Que caro sonho me ceifou do ventre.

Na solidão do tempo que nos afasta
Segredo é rever fotografias gastas
Para amenizar o coração da dor...

Desde aquele dia, morro lentamente...
Fios brancos são sinais impertinentes
Do desventurado que perdeu o seu amor.

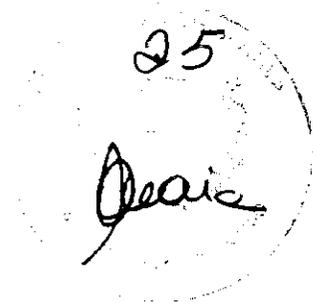
Patrick Laurent Rodrigues Araújo

19 anos

patrickjp@hotmail.com

(55) 83 996718367 / 83 988054639

Rua Maria Auzenir Rodrigues, Bessa, João Pessoa – PB



Objetivo

Estou em busca da primeira oportunidade no mercado de trabalho. Acredito que os meus diferenciais, como esforço e vontade de aprender, serão úteis para a sua empresa, viabilizando o crescimento qualitativo e quantitativo para a empresa.

Formação

Ensino Médio Completo

Neo Gênesis Colégio e Curso

Cursos Profissionalizantes

WebMaster - Cedaspy

Idiomas

Português – Fluente Nativo

Inglês – Médio

Espanhol – Básico